

# ARTE E MEMÓRIA NO ESPAÇO URBANO: A NECRÓPOLE QUE TEM, CONTA E RECONTA A HISTÓRIA

*ART AND MEMORY IN URBAN SPACE: THE NECROPOLIS THAT HAS, TELLS AND  
RETELLS HISTORY*

*ARTE Y MEMORIA EM EL ESPACIO URBANO: LA NECRÓPOLIS QUE TIENE, CUENTA Y  
RECUENTA LA HISTORIA*

Cintia Maria Honorio<sup>1</sup>

## **Resumo**

A reflexão sobre o notável valor dos cemitérios, “campos santos”, não como um recinto de despojos dos que já não vivem, mas como espaço de estudo, apreciação estética e fonte histórica, tornou-se objeto desta pesquisa bibliográfica. Por meio de uma revisão de literatura, pretende-se refletir sobre as relações do homem com a morte e como este percebe o cemitério. Os cemitérios têm história, testemunham e contam sobre as vidas de personalidades e pessoas comuns. A arquitetura, esculturas, mosaicos, epitáfios e elementos decorativos evidenciam a estética de uma determinada época. A organização espacial destes lugares, muitas vezes, espelha a organização das cidades, configurando-se em uma microcidade — que segue as regras espaciais da cidade que os abriga. Constitui-se, dessa maneira, em um lugar de memória e, por conseguinte, de patrimônio.

**Palavras-chave:** Arte. Memória. História.

## **Abstract**

The reflection on the remarkable value of cemeteries, "campos santos", not as a place for the remains of those who no longer live, but as a space for study, aesthetic appreciation, and historical source, became the object of this bibliographic research. Through a literature review, it is intended to reflect on the relationship between people and death and how they perceive the cemetery. Cemeteries have a history, testify and tell about the lives of personalities and ordinary people. The architecture, sculptures, mosaics, epitaphs, and decorative elements show the aesthetics of a given time. These places' spatial organization often mirrors the organization of cities, configuring themselves in a micro-city — which follows the spatial rules of the city that houses them. Thus, it constitutes a place of memory and, therefore, of heritage.

**Keywords:** Art. Memory. History.

## **Resumen**

La reflexión sobre el notable valor de los cementerios, “campos santos”, no como un recinto de despojos de los que ya no viven, sino como un espacio de estudio, apreciación estética y fuente histórica, es el objeto de esta investigación bibliográfica. Se pretende, por medio de revisión de literatura, reflexionar sobre las relaciones del hombre con la muerte y cómo este percibe al cementerio. Los cementerios tienen historia, dan testimonio y cuentan historias de personalidades y personas comunes. Por medio de la arquitectura, escultura, mosaicos, epitafios y elementos decorativos, dan visibilidad a la estética de un tiempo determinado. La organización espacial de esos lugares se asemeja y muchas veces refleja la organización de las ciudades, configurándose en una microciudad, que sigue las reglas espaciales de la ciudad que los abriga. Se constituye, así, en un espacio de memoria y, por consiguiente, de patrimonio.

**Palabras-clave:** Arte. Memoria. Historia.

---

<sup>1</sup> Pedagogia com Pós Graduação em Metodologia do Ensino da Arte e Ensino da História. Estudante do curso de Bacharelado em Artes Visuais do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: cintia.m.h@uol.com.br.

## 1 Introdução

*A vida dos mortos está na memória dos vivos.*  
Cícero

O espaço urbano, transitado e “vivido” pelos moradores de uma cidade, nem sempre é compreendido e observado como um lugar constituído não apenas de tijolos, ferro, cimento e cal, mas como um espaço de memória.

Espaço que por meio de sua organização estética, arquitetura, escultura, pintura, e tantas outras linguagens, nos conta uma história, guarda em silêncio um passado já vivido, que calado se esforça para desenhar o presente e para esboçar o futuro.

Transitamos por ruas e avenidas, vivemos e fazemos uso de construções das mais diversas configurações estéticas e funcionais. Nos divertimos em parques, praças, cinemas. A vida está presente em cada uma das estruturas que compõem este espaço, está sempre diante de nossos olhos. Porém, o que é a vida presente se não o reflexo de uma vida passada e um vislumbre da vida futura?

É a finitude negada, de quem usufrui do espaço urbano, das produções artísticas e dos bens de consumo, que constitui em nosso olhar uma urgência displicente, um ver vago que passeia pelo espaço sem realmente vê-lo.

As cidades com seus muros, físicos ou simbólicos, se organizam de acordo com uma intencionalidade explícita ou implícita, onde a funcionalidade ou as relações de poder imperam em sua divisão e distribuição. Muitas divididas em setores: culturais, comerciais, residenciais, tal qual em um tabuleiro de xadrez onde cada peça ocupa seu lugar de acordo com seu papel a desempenhar no jogo.

As discussões deste artigo se voltarão não à discussão do espaço urbano destinado aos vivos, mas ao espaço urbano destinado aos que já se foram, à necrópole, à “cidade dos mortos” dentro da cidade dos que ainda vivem.

Por meio dos que ali repousam, em sepulturas, túmulos, mausoléus, tem-se como objetivo buscar o testemunho da história, das lutas, das derrotas e das vitórias que, de uma forma ou outra, constituíram o que somos hoje, que edificaram a sociedade e que nos fazem prosseguir.

A morte, tal qual a história, muitas vezes é negada ou simplesmente esquecida, deixada em segundo plano, talvez pela urgência em se viver o presente, ou simplesmente porque não nos damos conta de nossa própria finitude.

A negação do fim da vida e dos espaços destinados aos mortos, a perda e a noção de finitude como afastamento deste espaço urbano que conta a história de pessoas, de fatos e de lugares por meio da arte, do sagrado e do transcendente, se constitui como objeto desta pesquisa que busca compreender como as necrópoles podem se constituir como patrimônio cultural, servindo como meio de reconstrução do passado histórico de uma comunidade.

## **2 Necrópole. Espaço urbano... Espaço Educador**

A cidade vista como um território dinâmico suscita múltiplos olhares; pode ser considerada como um espaço geográfico onde as construções servem de abrigos necessários à manutenção da vida humana, sendo assim um espaço de se viver, de se relacionar, de se produzir.

Ao longo do tempo, das cavernas até os grandes centros urbanos das metrópoles contemporâneas, o ser humano imaginou, planejou e organizou este espaço, de acordo com suas necessidades, crenças, cultura e percepção estética. Pois é um erro pensarmos que a organização das cidades está voltada exclusivamente à sua funcionalidade, no que tange os aspectos arquitetônicos, por exemplo.

A arquitetura pode ser vista como uma das manifestações mais representativas das atividades dos homens agrupados em sociedade, permitindo-lhes construir todos os abrigos que lhe são necessários na sua vida cotidiana. Entretanto, a obra arquitetônica não ocupa somente esta função utilitária. Com o auxílio das formas que essas necessidades provocam e que os meios técnicos permitem realizar ela atinge uma das mais altas expressões da arte pela utilização estética de seus espaços (CASTELNOU, 2003, p. 146).

É difícil enumerar com clareza as necessidades humanas. Esta dificuldade está presente no fato de que o “homem” muda, se transforma. Necessidades que eram urgentes no passado hoje podem não existir mais, surgindo outras que no mesmo passado eram impensáveis. Porém uma necessidade, considerada básica, sempre esteve presente ao longo da história da humanidade; onde despojar os restos sem vida das pessoas, sejam entes queridos, pessoas conhecidas ou desconhecidas.

Ao longo da história foram diversas as configurações e localizações dos cemitérios: campos abertos, intramuros ou extramuros. O fato é que estas diferenciações sempre estiveram ligadas à cultura, à religiosidade, às crenças das sociedades e, sobretudo, de como o homem se relaciona com a morte em diferentes tempos e espaços.

Esta relação com a morte, muitas vezes vista como um tabu por muitos, nem sempre foi assimilada dessa forma. O historiador, sociólogo e professor universitário francês Phillippe

Ariès (1914-1984) realizou um denso estudo sobre a história da morte no ocidente, da Idade Média até os nossos tempos.

A **morte domada** (ARIÈS, 2014), período onde a morte era aceita de forma natural e familiar, com uma forte ritualização coletiva, importante para que o moribundo exaltasse seus feitos, se arrependesse de seus pecados, se despedisse dos seus entes queridos e conhecidos e, por fim, aguardasse silenciosamente o desfecho de sua vida terrena. O momento da morte, assim, era acompanhado pela coletividade.

A atitude antiga que vê a morte ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensibilizada, opõe-se demais à nossa, onde nos causa tanto medo, que nem ousamos dizer-lhe o nome.

É por essa razão que, ao chamarmos essa morte familiar de morte domada, não queremos dizer com isso que antes ela tenha sido selvagem e, em seguida, domesticada. Queremos dizer, pelo contrário, que ela se tornou hoje selvagem, enquanto anteriormente não o era. A morte mais antiga era domada (ARIÈS, 2014, p. 37).

Em **A morte de si mesmo** (ARIÈS, 2014), surge a percepção de finitude, ou seja, se existe vida haverá morte, o que leva à busca da eternização, o desejo de se continuar vivendo apesar de se estar morto. Inicia-se assim a prática de escrita de testamentos, que eram ordens por escrito, onde as vontades do morto continuariam a prevalecer. Neste período, por volta do século XIII, a crença no Juízo Final se fortifica.

Dali em diante o destino da alma imortal será decidido no próprio momento da morte física. Cada vez haverá menos possibilidade de almas de outro mundo e suas manifestações. Em compensação, a crença no purgatório, lugar de espera, durante muito tempo reservada aos sábios, teólogos ou poetas, tornar-se-á realmente popular, mas não antes de meados do século XVIII, vindo então substituir as velhas imagens do sono e do repouso (ARIÈS, 2014, p. 140).

A morte, dessa forma, passa a assumir um aspecto de individualização.

A **morte do outro**, segundo Ariès (2014), é a tipologia que perpassa os séculos XVIII, XIX e início do século XX, criando a ideia e sentimento de perda, de ruptura, de separação. A percepção de que o outro ao morrer deixará saudades, dor, sofrimento aos que ficam. “O culto aos cemitérios e dos túmulos é a manifestação litúrgica da nova sensibilidade que, a partir do final do século XVIII torna intolerável a morte do outro” (ARIÈS, 2014, p. 750).

A romantização da morte materializa-se na ideia de que a morte domina o corpo, arranca a vida, separa as pessoas que se amam, contribuindo para que o ritual do luto dos que ficam se intensifique.

A **morte interdita** (ARIÈS, 2014) cria a ideia do tabu. A secularização da igreja perde terreno para o discurso científico, que passa a ignorar a morte, escondendo-a, pois a morte é o sinal do fracasso da busca pela preservação da vida.

Os rápidos progressos do conforto, da intimidade, da higiene pessoal e das ideias de assepsia tornam o mundo mais delicado; sem que nada se possa a fazer sobre isso, os sentidos já não suportam os odores nem os espetáculos que ainda no século XIX, faziam parte, com o sofrimento e a doença, da rotina diária. As sequelas fisiológicas saíram do cotidiano para passar ao mundo da assepsia e da higiene, da medicina e da mortalidade inicialmente confundidas. Esse mundo tem um modelo exemplar – o hospital e sua disciplina celular (ARIÈS, 2014, p. 769).

O moribundo, assim, deixa de morrer rodeado pelos entes queridos em sua casa, para passar seus últimos momentos em hospitais, rodeado por aparelhos e rostos desconhecidos, com máscaras, ou simplesmente sozinhos.

Discorrida a relação do homem diante da morte, cabe salientar que, para cada uma dessas mentalidades, houve uma configuração dos campos santos.

De acordo com o objetivo desse artigo, faz-se necessário um recorte temporal que tome como foco os séculos XIX e XX, compreendendo a morte como dor e perda e também como tabu.

No Brasil, até o século XX, os sepultamentos eram realizados dentro ou em terrenos em volta das igrejas. Esse tipo de enterro era chamado de *ad sanctos* (junto aos santos); essa prática, segundo Ariès, surgiu com a consolidação do cristianismo na Europa e garantia a essas pessoas a salvação de suas almas.

[...] que o temor da violação tenha sido a origem do costume, que irá se generalizar, de enterrar os mortos perto dos túmulos dos mártires: os mártires, os únicos entre os santos (isto é, os crentes) de cujo lugar imediato no Paraíso se estava certo, velariam os corpos e repeliriam os profanadores (ARIÈS, 2014, p. 43).

Com o crescimento da população, as cidades também cresceram e os sepultamentos dentro ou próximos das igrejas tornaram-se uma questão de saúde pública, obrigando aos governantes a tomarem a iniciativa de proibirem esta prática.

Surgem então espaços específicos para o enterro dos mortos.

### **3 Arte tumular: objeto de patrimônio artístico e cultural**

A arte manifesta dentro dos cemitérios por meio da arquitetura, da escultura, de mosaicos, de elementos alegóricos e decorativos, como a própria urbanização do espaço,

personifica ao mesmo tempo que testemunha a própria história. Guarda e revela por meio das formas e símbolos, memórias históricas e afetivas.

Sem dúvida e anseios, pode-se definir, então, a necrópole como um conjunto constitutivo do patrimônio cultural.

[...] pode-se definir o patrimônio cultural como o conjunto de manifestações ou objetos nascidos pela produção humana que uma sociedade recebeu de herança histórica e que constituem elementos significativos de sua identidade como povo. Tais manifestações ou objetos constituem testemunhos importantes do progresso da civilização e exercem uma função modelo ou referencial para toda a sociedade; daí sua consideração como bens culturais (PEREIRA, 2018, p. 3).

É um resgate do passado histórico, um resgate afetivo, por meio dos símbolos e das iconografias, vislumbradas no olhar dos passantes que testemunham fatos e a história pessoal de personalidades ou de anônimos, que contribuem para a reconstituição do que foi promovendo o entendimento do que é e, por fim, vislumbrando o que poderá ser. Os túmulos com seus nomes, datas e epitáfios são documentações, são provas, testemunhos que fortalecem identidades e sentimentos de pertencimento.

[...] no século XXI o valor que se atribui ao patrimônio cultural vai além da sua simples estética e antiguidade; existe todo um contexto que constitui uma série de elementos, que se dirija desde os rasgos físicos, as crenças até as formas de viver e comportar. Essas diversidades se expressam na linguagem das ideias, religiões, na tecnologia, sendo essas variedades de componentes formadas por cada grupo social, interpretadas nesses espaços históricos e que estão em conformidade com suas culturas (PEREIRA, 2018, p. 4).

A arquitetura, as esculturas, como as demais manifestações artísticas, refletem também a estética da época que vai se materializar nas construções dentro das necrópoles, que proporcionam ao observador um recorte da própria história da arte.

#### **4 Espaços de memória do Cemitério Municipal São Francisco de Paula**

O Cemitério Municipal de Curitiba, primeiro cemitério extramuros da cidade, hoje denominado Cemitério Municipal São Francisco de Paula, foi inaugurado no dia 1º de dezembro de 1854, pelo presidente da Província do Paraná, Zacarias de Góes e Vasconcellos.<sup>11</sup> Nessa data a obra ainda estava inacabada, sendo concluída apenas em 1866.

---

<sup>11</sup> Zacarias de Góes e Vasconcelos (1815-1877), advogado por formação atuou na política durante o Império, sendo nomeado o primeiro presidente da Província do Paraná (1853).

Antes da construção desse cemitério público, os cemitérios se encontravam nos terrenos laterais das igrejas, ou muito próximos dos centros urbanos. Ariès (2014, p. 65), historicizando a morte, seus ritos e processos culturais e sociais, afirma que: “A prática constante, desde a Antiguidade cristã até ao século XVIII foi, portanto, certamente a de enterrar nas igrejas, verdadeiras necrópoles [...]”.

A grosso modo, pode-se dizer que alguns corpos eram enterrados dentro das igrejas — religiosos, homens de destaque ou de poder— e outros enterrados ao lado ou no entorno das igrejas. “A função cemiterial começava no interior da igreja, aquém dos seus muros, e continuava além deles, no espaço que constituía os *passus ecclesiastici, in circuitu ecclesiae*. Portanto, o termo “igreja” não designava apenas o edifício, mas todo esse espaço.” (ARIÈS, 2014, p. 69).

A proximidade dos cemitérios com os vivos causava alguns transtornos, desde o “mal cheiro”, como a eminência de contaminação. Os higienistas apontavam a possibilidade de contágios, sobretudo durante as epidemias.

Em Curitiba, no século XIX, essa prática de enterros dentro das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito (Igreja do Rosário), Ordem Terceira de São Francisco das Chagas (Igreja da Ordem) e na Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (Igreja Matriz) ainda persistia. E isso levou Zacarias de Góes e Vasconcellos, em junho de 1854, a nomear Benedito Enéas de Paula,<sup>III</sup> encarregado da construção de um novo cemitério, que estivesse de acordo com os novos padrões exigidos pela modernidade.

[...] tão logo as epidemias passavam o assunto era deixado de lado. É provável que a discussão não tenha vindo antes à tona em função de a cidade já contar desde 1815, segundo o Livro Tombo da Matriz, com o cemitério Sítio do Mato, “situado a cerca de meia légua a Leste de Curitiba” e que teria sido aberto por ocasião de uma epidemia de varíola que assolou a cidade. Segundo o mesmo documento, o Padre José Barbosa Brito, responsável pela benção do campo santo em 1º de julho de 1815, referiu-se ao local como “cemitério dos bexigentos” (GRASSI, 2015, p. 2).

O lote adquirido pertencia ao Padre Agostinho Machado de Lima<sup>IV</sup>. E localizava-se em uma área elevada e distante do centro da cidade. Porém, a aceitação pela população deste novo local de despojos não foi imediata. Muitas não gostavam da ideia de sepultar seus entes queridos longe das igrejas, lugar considerado santo e abençoado. Outro ponto que deve ser considerado

---

<sup>III</sup> Benedito Enéas de Paula (1825-1911), militar e político atuante na capital, durante a instalação da província recebeu o cargo de administrar diversas obras públicas, incluindo o Cemitério Municipal.

<sup>IV</sup> Pe. Machado Agostinho de Lima (1822-1882). Vigário e pároco de Curitiba de 1857 a 1882. Considerado como o fundador do Cemitério Municipal.

é que o novo cemitério municipal, embora tenha nome de um santo católico, não é confessional, ou seja ele é público e se destina a qualquer credo religioso.

Inicialmente, segundo Carollo (1995), o terreno do Cemitério Municipal São Francisco de Paula ocupava uma superfície de 2116 braças quadradas com um perímetro de 186 braças (cada braça equivale a 2,2 metros). O primeiro sepultamento realizado no cemitério ocorreu nove meses após sua inauguração, em 30 de setembro de 1855, com a inumação de Delfina San Paio. Ao longo deste mesmo ano, o local iria receber mais dez sepultamentos, sendo dois destes de escravos. Nos anos seguintes, o “cemitério público” como era denominado receberia respectivamente 75 corpos em 1856, 48 em 1857, 85 em 1858, 58 em 1859 e 62 em 1860 (GRASSI, 2015, p. 2).

O cemitério, espaço que representa uma microcidade dentro de uma cidade, também se transforma ao longo do tempo. Passa por transformações estéticas e de organização espacial, alterando-se com novos materiais e técnicas.

Ao longo de seus 160 anos de existência, segundo Grassi (2014), o Cemitério Municipal passou por diversas obras e ao menos três ampliações em seu traçado, sendo a última realizada no ano de 1962, quando foi agregada uma área equivalente a 300 lotes, alterando a planta antes retangular para um formato de trapézio retângulo. Atualmente o terreno conta com uma área de 51.414 m<sup>2</sup> divididos em 139 quadras que abrigam 5.728 concessões, onde já foram realizados cerca de 80 mil sepultamentos (GRASSI, 2015, p. 3).

E como um espelho da própria cidade, o Cemitério Municipal da cidade de Curitiba divide-se em quatro bairros: centro histórico, que abriga as mais antigas sepulturas; o bairro Batel, onde se encontram os mausoléus, por exemplo; a periferia e o bairro urbanizado, última ampliação realizada.

Enfrentando mudanças, alterações e muitas vezes vandalismos, esta necrópole abriga entre seus muros a história de personalidades como: André de Barros<sup>V</sup>, Augusto Hauer<sup>VI</sup>, Barão do Serro Azul<sup>VII</sup>, Guido Viaro<sup>VIII</sup>, Helena Kolody<sup>IX</sup>, entre tantos outros conhecidos ou anônimos.

Abriga estruturas arquitetônicas manifestas em sepulturas, estelas, oratórios, jazigos, mausoléus, jazigos-monumento, túmulos verticalizados construídos em pedra, mármore, tijolos ou cimento. Azulejados ou pintados, com ou sem esculturas, configuram-se um uma

---

<sup>V</sup> André de Barros (1855-1923). Enfermeiro farmacêutico. Considerado benemérito da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, por seu trabalho em vida e pela grande quantia que deixou em testamento para a instituição. João Turin, escultor de renome foi quem planejou seu túmulo.

<sup>VI</sup> Augusto Hauer (1857-1943). Comerciante influente na capital.

<sup>VII</sup> Ildefonso Pereira Correia, Barão do Serro Azul (1849-194). Empresário político e herói paranaense. Seu nome está inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia em Brasília (2008).

<sup>VIII</sup> Guido Viaro (1897-1971). Pintor, desenhista, gravador, escultor e professor. Criador, em 1953, do Centro Juvenil de Artes Plásticas em Curitiba.

<sup>IX</sup> Helena Kolody (1912-2004). Professora e poetisa. Segunda mulher eleita para a Academia Paranaense de Letras, em 1991.

diversidade estética que alimenta o olhar dos passantes. Eles contribuem para o desenvolvimento da percepção estética e da apreciação artística.

A presença da morte abraça calidamente nossa vida cotidiana. Morte negada, interdita, rejeitada e ignorada, mas que é tão mais presente que a certeza do futuro.

Pesquisa bibliográfica que revelou como somos displicentes em relação ao nosso entorno, como nossos olhares vagam sem destino certo, sem ver o que nos rodeia. Como ignoramos a importância do patrimônio na construção de nossa identidade, na compreensão de quem somos e do que poderemos vir a ser.

A valoração do passado, da história, da arte manifesta nas necrópoles, verdadeiros museus a céu aberto, pode contribuir como espaço educativo onde podemos ter acesso a fatos, acontecimentos e pessoas que viveram e contribuíram para a construção da sociedade em que vivemos.

Urgente se faz a reconstrução do passado, das memórias, para que não cometamos os mesmos erros, as mesmas falhas cometidas por nossos antecessores. Que possamos transformar tabus em objetos de estudo, de entendimento sobre a sociedade e suas manifestações artísticas e culturais.

Por fim, percebeu-se a possibilidade do estudo da própria arte no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, alvo de futuras pesquisas, por meio da sua arquitetura, escultura, mosaicos, epitáfios e elementos decorativos.

## Referências

ARIÈS, PHILIPPE. **O homem diante da morte**. Tradução Luiza Ribeiro. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ARIÈS, PHILIPPE. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira. ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. (Coleção Clássicos para Todos).

BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil: uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais. **Locus - Revista de História**, Juiz de Fora, v. 37, n. 1, p. 103-123, 2013.

BORGES, Maria Elizia. O cemitério como “museu a céu aberto”. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL IMAGENS DA MORTE, 7., 2016, São Paulo. Tema: Tempos e Espaços da Morte na Sociedade. Disponível em: <https://www.artefuneriabrasil.com.br/livros-e-artigos/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

CASTELNOU, A.M.N. Sentindo o espaço arquitetônico. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 7, p. 145-154, jan/jun. 2003.

GRASSI, Clarissa. **Guia de visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula**. Arte e memória no espaço urbano. Curitiba: Edição do autor, 2014.

GRASSI, Clarissa. A necrópole como reflexo da polis. Um estudo sobre a arquitetura tumular no cemitério São Francisco de Paula. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: ANPUH, 2015.

GRASSI, Clarissa. Ressignificando o espaço urbano: educação patrimonial no Cemitério Municipal São Francisco de Paula. **Revista Paisagens Híbridas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 88-113, 2018.

GRASSI, Clarissa; SILVA, Ângelo. Arte tumular versus visão de morte: a fotografia como ferramenta de análise na paisagem do cemitério Municipal São Francisco de Paula. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 16., 2014, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANPUH, 2014. Tema: Saberes e práticas científicas.

MEC. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Fundação Pró-Memória, 1980. (Publicações da Secretaria do Patrimônio Artístico Nacional, 31).

PEREIRA JR, Magno Vasconcelos. Patrimônio cultural e a institucionalização da memória coletiva no Brasil. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. Universidade de Barcelona, v. 23, n. 1239, jun. 2018.

---

**Autora:** Cintia Maria Honorio – Pedagogia com Pós Graduação em Metodologia do Ensino da Arte e Ensino da História. Estudante do curso de Bacharelado em Artes Visuais do Centro Universitário Internacional UNINTER – cintia.m.h@uol.com.br

**Orientadora:** Profa. Me. Danielly Dias Sandy – Professora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Centro Universitário Internacional UNINTER – Bacharel em Pintura /Mestre em Museologia – EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas – danielly.s@uninter.com